

Imaginar um Espelho: Ajustes entre Campo e Objeto Comunicacional¹

João DAMASIO²

Luiz SIGNATES³

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

RESUMO

O texto perscruta se e como a pesquisa sobre uma realidade simbólica promove ajustes entre campo e objeto comunicacional. Parte-se da pesquisa de mestrado do autor como estudo de caso para induzir e advogar a tese de que, em fase pré-paradigmática, a ciência da comunicação não oferece métodos próprios e demanda critérios em que se espelhem campo e objeto científicos. Este espelho pode ser desentranhado, mas não se furta de uma imaginação teórica.

PALAVRAS-CHAVE: epistemologia da comunicação; campo; objeto; simbólico.

O objetivo deste artigo é trabalhar a epistemologia da comunicação em dois de seus aspectos: o campo e o objeto. Especialmente, como estudo de caso, trabalha-se os ajustes dialéticos entre eles no desenvolvimento da pesquisa de mestrado do autor sobre o vínculo entre sistemas simbólicos da religião e da cidade. Ou seja, procura-se saber se: uma realidade simbólica promove ajustes entre campo e objeto comunicacional?

Trata-se de uma autorreflexão que toma o próprio objeto de estudos como dado primeiro, informando as principais abstrações teóricas nele envoltas para induzir conclusões a cerca dos ajustes entre campo e objeto, ao longo do desenvolvimento da pesquisa, como forma de imaginar um espelho que reflita critérios do que é especificamente comunicacional na atual fase da ciência da comunicação. Demanda, pois, além do desentranhamento desta especificidade, a imaginatividade.

O limite deste artigo está na consideração de um tipo de problemas comunicacionais: aqueles ligados à realidade simbólica (ou ao método antropológico).

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 19 a 21 de maio de 2016.

² Mestrando do Curso de Comunicação, na linha de pesquisa Mídia e Cultura, da Faculdade de Informação e Comunicação/UFG, email: joaodamasio16@gmail.com.

³ Pós-doutor em Epistemologia da Comunicação (Unisinos), Doutor em Ciências da Comunicação (USP). Professor dos PPGs Comunicação (UFG) e Ciências da Religião (PUC Goiás). Coordenador do Grupo de Pesquisas em Comunicação e Religiosidade (GP-Cor/UFG), e-mail: signates@gmail.com

Uma realidade simbólica

A pesquisa de mestrado intitulada “A cidade espírita em Palmelo” é uma pesquisa em comunicação - a dissertação de mestrado do autor deste texto, orientada pelo professor Dr. Luiz Signates, que dirige os estudos avançados em epistemologia da comunicação no PPGCOM da Universidade Federal de Goiás (UFG). Indutivamente, uma breve descrição temporal sobre o método percorrido nesta pesquisa pretende culminar numa reflexão de ordem epistemológica que responda se uma realidade simbólica (como a que pesquisamos) promove ajustes entre campo e objeto comunicacional. Na hipótese positiva, que tipo de ajustes são esses?

A motivação para um texto indutivo neste caso vem do estranhamento comum que se lança desde o olhar do leigo e do colega de disciplina a cerca do cabimento de nosso objeto de estudos no campo da comunicação. Durante apresentações em eventos ou mesmo em conversas informais, é muito comum escutar indicações similares a “você poderia ver como a mídia retrata essa cidade que você pesquisa” em um claro intento de ajuste ao campo da comunicação pela inserção da mídia tematizando o estudo. Para nós, isto não deixa de ser válido, mas a mídia não guarda a ontologia da comunicação. Os termos em que consideramos a comunicação serão relatados a seguir. Além dessa inquietação, a indução a que procedemos ajuda a limitar de imediato o alcance das proposições e questionamentos que nos permitimos elaborar até o final do artigo (a abstração de variantes do simbólico como objeto comunicacional e uma crítica à investigação epistemológica a partir deles).

Palmelo é uma cidade do interior goiano e constitui o segundo menor município do Estado, com apenas 2416 habitantes⁴ estimados no ano de 2015. Tendo surgido em torno de um centro espírita, é considerada a “capital espírita do Brasil” ou apenas “cidade espírita”. Como parece óbvio, existe a cidade e também seu aspecto simbólico, assim como o socioeconômico, o político, o ambiental, o urbanístico etc; aspectos que são tratados mais ou menos distintamente por “campos” em Bourdieu (2009); “racionalidades” em Weber (2000) e “dimensões” em Lefebvre (1999). É este aspecto ou realidade simbólica que se configura como hipótese de trabalho para a dissertação e para a presente reflexão. Na dissertação, dissecamos a história, os espaços nela produzidos, os sistemas simbólicos da cidade e da religião e o vínculo entre eles por meio da ação humana. Nesta reflexão,

⁴ IBGE Cidades. Disponível em: < <http://cod.ibge.gov.br/1F47>>. Acessado em: 10 jan. 2016.

apresentamos sua possibilidade como objeto comunicacional no limite dos termos da dissertação e a partir do método, aliás, do caminho nela desenvolvido.

Mas o que é uma realidade simbólica? Pode-se dizer que é sempre uma materialidade significativa, é uma das definições para a cultura. Por exemplo, Lefebvre (1999), preocupado com o problema urbano, afirma a dimensão simbólica da cidade no nível global e estratégico dos monumentos, praças, lugares e vazios da cidade. Para construir a noção de campo, Bourdieu (2009, p. 81) se assume como “a reformulação das análises weberianas na linguagem do internacionalismo simbólico”. A melhor formulação do simbólico, no sentido comum aqui empregado, vem de Geertz (2008), que exemplifica e conceitua:

O número 6, escrito, imaginado, disposto numa fileira de pedras ou indicado num programa de computador, é um símbolo. A cruz também é um símbolo, falado, visualizado, modelado com as mãos quando a pessoa se benze, dedilhado quando pendurado numa corrente, e também é um símbolo a tela ‘Guernica’ ou o pedaço de pedra pintada chamada ‘churinga’, a palavra ‘realidade’ ou até mesmo o morfema ‘ing’. Todos eles são símbolos, ou pelo menos elementos simbólicos, pois são *formulações tangíveis de noções, abstrações da experiência fixada em formas perceptíveis, incorporações concretas de ideias, atitudes, julgamentos, saudades ou crenças* (GEERTZ, 2008, p. 68 – grifo nosso a cerca do conceito de “simbólico”).

A realidade simbólica aparece no campo da comunicação à medida que permite “trabalhar o conceito de vínculo social, sem decorrer em sociologia ou psicologia e, ao mesmo tempo, debruçar-se sobre as trocas simbólicas, sem decorrer em linguística” (SIGNATES, 2004, p. 11). Tratar de comunicação na epistemologia das ciências sociais é um problema que será colocado adiante. Não obstante, por que esta matéria constituiria especificidade comunicacional se, como vimos, o simbólico é aplicado à sociologia da cidade e dos campos sociais (além do aspecto que cabe à psicologia) e é ainda melhor definido na antropologia?

Para também não ser confundida com a linguística, Sodré (2014, p. 296) afirma que a comunicação estuda um “comum” ou uma “coesão social”, tecida em “relações que prescindem de semantização, numa performatividade de caráter simbólico mais ampla que a das palavras”. Aliás, Braga (2004), Signates (2004) e Sodré (2014) parecem estar em acordo inclusive sobre uma precedência da comunicação com relação à linguagem.

O que hoje experimentamos como ‘comunicação’ pode ser definido como o processo *simbólico* (e não propriamente linguístico, que é uma dimensão complementar) de organização das trocas vitais no plano da elaboração do comum humano (SODRÉ, 284).

A cidade espírita é uma realidade simbólica em Palmelo. A tese que defendemos é que sua relevância é fundacional em relação aos demais sistemas simbólicos⁵, inclusive e principalmente o da cidade. Mas como é que se cria, se mantém e se transforma esse tipo de vínculo? Em busca dessa evidência, durante o tempo de mestrado, recortamos este objeto segundo diversas abordagens, em torno de conceitos frequentes tanto na comunicação quanto nas ciências sociais, em diferentes níveis de abstração.

Níveis de abstração

A realidade simbólica pode ser referida de outras maneiras. A ausência de um paradigma no campo da comunicação amplia possibilidades de leitura, mas as torna pouco relevantes em suas possíveis especificidades para o campo. Na estrutura comum das rupturas científicas, paradigmas⁶ são “as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência” (KUHN, 1998, p. 12). À medida que o campo da comunicação é muito produtivo quantitativamente, justifica-se um “desentranhamento”⁷ para desvelar quais são as realizações científicas deste campo.

À medida que o que tematiza as pesquisas em comunicação também pode tematizar as pesquisas em outras áreas, desentranhar é identificar o que se pressupõe como disciplina da comunicação. A abordagem (método), e não o tema, é que dá identidade à ciência parcelar. Descreva-se, pois, como fomos conformando a abordagem sobre a cidade espírita em Palmelo:

Inicialmente, inculcado pela predominância de tematização da mídia nos estudos em comunicação, pesquisar a circulação de sentidos religiosos (por causa da predominância

⁵ A noção de sistemas simbólicos exigiria ainda outro tipo de trabalho e seu aprofundamento aqui não beneficia o tema central do artigo (ajustes entre campo e objeto comunicacional a partir da realidade simbólica). Considera-se, para todos os efeitos, que sistemas simbólicos são as culturas e/ou suas estruturas (GEERTZ, 2008).

⁶ Thomas Kuhn não define o conceito de paradigma apenas de um modo. Variam seus “tamanhos”, que vão de uma teorização disciplinar até uma mudança radical e definitiva no modo de conhecer o mundo.

⁷ BRAGA (2004).

espírita na cidade) na programação da rádio comunitária, nos conteúdos de uma página popular em um site de rede social na internet ou nas reportagens impressas ou televisivas sobre a cidade de Palmelo, apresentava-se como a primeira via comunicacional válida. Nada invalidaria tais análises, abandonadas por dois fatores: a) a pouca relevância teórica de se conhecer o conteúdo transmitido por uma mídia a cerca de um simbolismo, sem outra finalidade que não seu relato; e b) a incitação pelo orientador da pesquisa sobre o que movia tais questões, saber até que ponto cidade e espiritismo estariam vinculados. Como e em que medida se estabelece tal vínculo?

Em um primeiro momento, discutimos o espiritismo como representação da cidade de Palmelo, o que justificava a relevância de um estudo, mas era ainda insuficiente para dar conta do problema de pesquisa. Buscamos nos sujeitos modernos a categoria de análise que poderia centralizar as discussões: a identidade cultural. A questão seria interpretar de que modo as identidades se suturam para gerar a referida representação. Tais abordagens, até aqui, buscávamos no pensamento ao redor dos estudos culturais ingleses⁸.

Na formulação seguinte, de matriz weberiana, direcionamos esforços para entender o par teórico sociedade/comunidade, dois conceitos opostos à medida que o primeiro tenderia à complexificação do mundo por meio da burocracia nas cidades em substituição ao segundo, voltado à tradição. Em suma, na sociedade convivem várias identidades culturais que se resolvem burocrática e institucionalmente, enquanto a comunidade existe sempre em torno de uma identidade que a regula. Nossa pesquisa mirava, assim, determinado gradiente entre essas duas extremidades conceituais. Conceitualmente, Palmelo seria mais sociedade à medida que deixasse o vínculo comunitário e vice-versa⁹.

A partir de uma redescrição do conceito de comunidade em tempos de midiatização, empreendida na tese de doutoramento de Eduardo Yuji Yamamoto e nos escritos de seu orientador, Muniz Sodré (URFJ), começamos a questionar e não nos contivemos mais dentro da perspectiva de análise weberiana. O gradiente entre o tipo comunitário e o tipo societário não pareceu mais adequado. Yamamoto (2014) identifica que há em toda essa tradição sociológica o plano de fundo da teoria do desenvolvimento, uma visão europeia carregada pelas promessas da modernidade e, mais, da modernização. A comunidade não

⁸ As reflexões aqui mencionadas foram apresentadas em eventos e, em seguida, publicadas em e-book e revista científica. O primeiro construto referido está em: DAMASIO, João; SIGNATES, Luiz. Pode haver uma cidade espírita? A representação da cultura religiosa em Palmelo. In: CIRINO, José A.; BRAGA, Claudomilson F.. (Orgs.). **Comunicação, Cidadania e Cultura**. 1.ed. Goiânia: UFG, 2015, v.1, p. 184-198.

⁹ DAMASIO, João. SIGNATES, Luiz. Estudo comunicacional da cidade espírita: a religião entre a identidade e a cidade. In: **Comunicação & Informação** (UFG), v. 18, p. 145-162, 2015.

seria mais o que se forma em torno de uma identidade cultural, mas aquilo que a precede e permite a comunicação e as demais formas de disputa simbólica para a hegemonia de uma ou outra forma identitária. A ontologia da comunidade estaria no “ser-com”, categoria heideggeriana fundamental.

Neste momento, pode ser que tenhamos nos apropriado de uma discussão teórica relevante, mas surgiu uma dificuldade de outra ordem: a amplitude e a variedade de temas teóricos, que nos afastaram demasiadamente do objeto empírico da religiosidade espírita em Palmelo e suas trocas simbólicas. Então, reempreendemos a partida do objeto empírico e do afunilamento do problema de pesquisa. Os caminhos vislumbrados no percurso foram: Palmelo como representação da religiosidade espírita brasileira; como uma configuração comunitária específica; como cidade vinculada em torno de uma comunidade religiosa ou como espaço produzido no vínculo entre sistemas simbólicos.

Os conceitos finalmente utilizados na dissertação são aqueles dos próprios termos que o objeto empírico sugere. Ao invés da abstração do par teórico weberiano sociedade/comunidade para entender o vínculo entre “cidade” e “espiritismo” em Palmelo, passamos a abordar os próprios conceitos de cidade e de religião, centralizando-os na noção de sistemas simbólicos.

Ajustes entre campo e objeto comunicacional

Tratamos de diversos conceitos, mas concordamos que “o desentranhamento das questões comunicacionais não corresponde, entretanto, a um gesto epistemológico artificial de abstrair o objeto, separando-o de suas instâncias pragmáticas de existência” (BRAGA, 2004, p. 229). Contudo, que instâncias pragmáticas são estas? Por um lado, são os termos próprios aqui descritos com base no que a realidade observada nos sugere, no caso, a realidade simbólica da cidade espírita em Palmelo. Por outro lado, esta não é uma pragmática que garanta que um objeto seja comunicacional.

Isto tudo se dá mesmo sem mencionar outro nível de cientificidade, aquele que lide com algum valor de verdade, como prezavam os positivos, de Comte e o Círculo de Viena até Popper. Estudos de cultura, por mais que prezem pela epistemologia propriamente dita, sempre precisam ser abraçados por outra base. Geertz (2008) afirma que esta base é a interpretação. As ciências sociais são capazes de compreender e não de identificar leis naturais em uma realidade, como queria a previsibilidade e a preditividade do positivismo.

Os termos em que Thomas Kuhn coloca sua epistemologia são mais adequados ao nosso problema. Ou seja, enxergar a estrutura da ciência nos favorece mais que a distinção da verdade, pois nos faltam critérios sobre como afirmar um ponto teoricamente relevante. Assim, já adentrando ao campo semântico de Kuhn (2008), a falta de um paradigma nos colocaria em fase pré-paradigmática?

O período pré-paradigmático, em particular, é regularmente marcado por debates frequentes e profundos a respeito de métodos, problemas e padrões de solução legítimos - embora esses debates sirvam mais para definir escolas do que para produzir um acordo (KUHN, 1998, p. 72-73).

A definição do período pré-paradigmático nos parece compatível com o estado do debate filosófico da comunicação. Se aceitarmos esta hipótese, é válido pensar em como se dão as regras de nosso funcionamento pré-paradigmático. Afirmar um período pré-paradigma é, também, afirmar a crença na possibilidade de que se estabeleça um paradigma.

O funcionamento de uma ciência normal é baseado em seu paradigma, a partir do qual se identifica uma dificuldade específica ou anomalia que será, então, reintegrada ao paradigma ou emergirá como um novo paradigma emergente.

É somente através da ciência normal que a comunidade profissional de cientistas obtém sucesso; primeiro, explorando o alcance potencial e a precisão do velho paradigma e então isolando a dificuldade cujo estudo permite a emergência de um novo paradigma (KUHN, 1998, p. 192).

Na indução que promovemos neste texto, isto se dá por meio de ajustes entre campo e objeto comunicacional. Na falta de um paradigma, constrói-se um espelho onde refletir: o campo reflete o que o objeto lhe diz e o objeto refere-se ao campo que lhe reflete.

É possível aplicar essa ideia. À medida que a realidade simbólica se configura como um objeto comunicacional, centralizando a atenção da dissertação de mestrado que serve a esta reflexão epistemológica, ela refere-se a um campo científico da interpretação das culturas. Nele, este objeto se justifica. Se a circulação de sentidos no discurso midiático fosse o foco, o campo a que se refere é uma ciência da midiatização, âmbito da vida que atualiza as experiências sociais (SODRÉ, 2014 e BRAGA, 2004).

A cidade espírita em Palmelo informa um vínculo entre sistemas simbólicos da religião e da cidade. É possível argumentar o objeto comunicacional a partir do vínculo

social, dos sistemas simbólicos, da dialogicidade religiosa e mesmo da produção do espaço da cidade. É por meio de um ajuste entre o objeto e o campo da comunicação que se efetiva seu recorte teórico.

Os objetos (ao contrário do que nos diz a intuição imediata) não se encontram aí, prontos e recortados: os “objetos” do mundo são recortados (ou religados) por nosso olhar e nossa compreensão, por nossa maneira de ver. (...) O objeto da comunicação não são os objetos “comunicativos” do mundo, mas uma forma de identificá-los, de falar deles – ou de construí-los conceitualmente (FRANÇA, 2001, p. 40 e 42).

Este movimento é o que se observa nos níveis de abstração a que nos lançamos: da análise do conteúdo midiático, percebemos que a cidade espírita é uma representação social. Assim fixada, percebemos que o é pela identidade cultural dos sujeitos. Como tal, se dá por meio da vinculação entre sistemas simbólicos (os sistemas são estruturas que tem lógicas de comunicação interna e pouca comunicabilidade externa, como informa a perspectiva luhmanniana).

Representa-se este duplo movimento num quadro de relações na disciplina da Comunicação, considerando que 1) o objeto de pesquisa é a construção teórica determinante da pesquisa, 2) o campo é a imaginação teórica, a escola e/ou autores que ligam o objeto a uma disciplina, revelando o lugar da concepção de comunicação e 3) o ajuste entre eles é um movimento de mútua determinação a cerca da mudança de objeto e do entendimento sobre o campo.

Este quadro informa, além do percurso hoje vislumbrado, a perspectiva atual, que não se pretende a última ou a mais correta, mas a que se chegou por meio dos mencionados ajustes entre campo e objeto.

Espelho da problematização da pesquisa de mestrado em Comunicação	
Objeto	Entendimento sobre o campo
Símbolos locais na mídia	Mediações sociais
Ajuste: Verificar ou constatar a presença dos símbolos locais (religiosos) na mídia integra o campo de estudos sobre as mediações sociais. Sendo necessário encontrar um problema teórico relevante em torno das mediações sociais, a noção de representação assumiu a centralidade de nosso interesse.	

Representação	Discursos sobre a cultura
Ajuste:	
As representações sociais funcionam sob lógicas discursivas da cultura, mas, diante da questão-problema colocada pelo orientador da pesquisa neste momento (Até que ponto a cidade pode ser vinculada a uma identidade cultural religiosa?), estudar apenas a representação seria quase tautológico. Faltava o sujeito da comunicação.	
Identidade cultural	Estudos culturais ingleses / Stuart Hall
Ajuste:	
Se e como os sujeitos se identificam com as representações hegemônicas poderia, então, revelar as suturas que demarcam a sociedade. Mas a problematização da identidade cultural é que ela gera uma comunidade.	
Sociedade/Comunidade	Tradições sociológicas e modernas / Max Weber
Ajuste:	
Um dos pilares da teorização sociológica é aquele caracterizado pela modernização entre os tipos comunitário e societário, o que viabiliza uma boa estrutura de análise: as fases de transição entre eles. Mas há críticas contemporâneas a esta abordagem.	
Communitas	Tradição existencial / Yamamoto, Sodr�e e Heidegger
Ajuste:	
A comunidade, na perspectiva weberiana, assume uma forma evoluída na sociedade. Contrário a este evolucionismo, a no�o de comunidade pode ser resgatada como aquela que precede a forma�o identitária e dirige as rela�es sociais. O problema � que, a esta altura, não mais se ajustavam a teoriza�o desenvolvida ao objeto empírico, tornando-se ideal. O que restou disso foi a no�o de entender como se d� o vínculo, ou seja, a coesão social através do simbólico.	
Vínculo entre cidade e religião	Sistemas simbólicos
Perspectiva atual:	
Entendidas em seus próprios termos, a cidade e a religião se configuram como sistemas simbólicos. E este aspecto simbólico confere estado de objeto comunicacional a partir de seus modos de vincula�o.	

Tabela 1: Espelho da problematiza o da pesquisa de mestrado em Comunica o

Todas estas relações constituem um arcabouço que contribuiu para a formulação da pesquisa em termos que acreditamos serem mais adequados para a lógica interna da pesquisa, mas também para sua afirmação no campo da comunicação. Acaba restando uma ingrata sensação duvidosa: será que isto é mesmo comunicação?

Imaginar um espelho

Em toda frase escrita existe um ponto final, a menos que se trate de um texto de internet, sem a linearidade de escrita e leitura a que os seres humanos se submeteram em nome da ordenação de seu conhecimento. Platão denunciara que o advento da escrita se opunha a seu idealismo maiêutico. O mundo das ideias, conforme sua epistemologia, ocorre dialeticamente. Escrever um dado de conhecimento torna-se um ato de finalizar as frases de um diálogo ainda que este se queira incessante. “Procede como entenderes, uma vez que pronuncies o discurso...”, disse Fedro a Sócrates (PLATÃO, 2000, p. 36).

Um campo de conhecimento só o é quando se pronuncia seu discurso. Mas “há um lugar para o discurso da comunicação no campo da ciência?” (SANTOS, 2013, p. 95). Fato é que a existência disciplinar das ciências da comunicação nos faz produzir dissertações, teses e artigos e, com isso, não se cria apenas um campo institucional. Ao contrário, pode-se afirmar que existe uma imaginação comunicológica¹⁰. Entre cientistas e estudantes da comunicação não é difícil escutar quem solicite ou quem já esteja farto de ler ou justificar, nos trabalhos acadêmicos, páginas inteiras sobre a adequação do objeto de estudo ao campo comunicacional. Trata-se de escolher ou formular uma noção de comunicação. De modo mais apurado do que habituais costumes tautológicos a cerca desta questão, os projetos de Braga (2004) e Signates (2013) perscrutam “o que é que caracteriza nossa problematização sobre tais objetos e questões?” (BRAGA, 2004, p. 225) e “o que é especificamente comunicacional nos estudos brasileiros de comunicação da atualidade?” (SIGNATES, 2013, p. 19).

Todavia, Santos (2013, p. 103) parece apontar uma questão que foge ao pragmatismo de quem pensa a especificidade comunicacional: “como pensar num discurso da comunicação dotado de autonomia plena, num tempo já demarcado por epistemes

¹⁰ Apesar do desuso do título de “comunicólogo”, aplica-se aqui a expressão “imaginação comunicológica” no mesmo sentido que Martin Jay atribuiu ao escrever “a imaginação dialética”, como modo de historiografar o pensamento da Escola de Frankfurt a partir de sua movimentação social e institucional, mas também reflexiva. A distinção de Frankfurt fora a crítica radical como método. Qual é o método comunicacional, considerando sua imaginação?

formuladas por outros campos?” Portanto, a nosso modo, qual é a noção de epistemologia em que os cientistas da comunicação se ancoram, sendo que nem dialogam diretamente com a epistemologia enquanto área específica da filosofia e nem revelam uma “imaginação comunicológica”? Desentranhar o conhecimento a partir do que os cientistas do campo propõem é uma pragmática, utilizada por Braga (2004), mas também em um argumento fundacional da antropologia – contra abordagens operacionistas nas ciências sociais em geral – de Clifford Geertz:

Se você quer compreender o que é a ciência, você deve olhar, em primeiro lugar, não para as suas teorias ou as suas descobertas, e certamente não para o que seus apologistas dizem sobre ela; você deve ver o que os praticantes da ciência fazem (GEERTZ, 2008, p. 4).

Essa pragmática, provavelmente, não constitui finalidade, mas sim o melhor que se tem feito em termos de construção de um espelho em moldes e vidraçaria própria no qual possamos nos espelhar, pois “(...) perscrutá-lo a partir das próprias atividades intelectuais do campo” produz perguntas que nos conduzem para a delimitação do objeto, conforme Signates (2013, p. 20).

Se assim for, a indutividade procedida na presente reflexão inscreve-se no debate epistemológico da comunicação oferecendo I) elementos ocasionais do objeto comunicacional constituído pelas realidades simbólicas e II) traços metodológicos críticos à própria investigação epistêmica nos termos dos ajustamentos entre campo e objeto, carecendo da imaginação.

I) No primeiro caso, trata-se da identificação de conceitos que, apesar de amplos, denotam diversas das perspectivas das pesquisas sociais que interessam diretamente à comunicação: representação, identidade cultural, comunidade, sociedade, cultura e sistemas simbólicos. Todas denotam as referências às realidades simbólicas. Portanto, para nós, as realidades simbólicas promovem ajustes, na disciplina Comunicação, entre objeto (as formas de existência do simbólico) e campo (comunicação entendida a partir dos aspectos simbólicos na sociedade).

II) O que consideramos como “imaginação comunicológica” pretendeu constituir uma crítica que fortaleça os olhares daqueles que se debruçam em torno de uma epistemologia da comunicação. Fundamentar uma ciência – afinal de contas é isto o que parece o objetivo da epistemologia da comunicação – sem dúvidas é um grande problema, um embaçado no espelho de quem precisa se ver sem que suas dimensões sejam

transmutadas por outras lentes (a sociologia, a antropologia, a linguística, a arte etc). Mas não faltaria, além da pragmática sobre as categorias, temas e práticas dos pesquisadores do campo, uma conotação prévia de constituição de um método comunicacional? De, enfim, assumir outra conotação ao termo epistemologia, permitindo ver não apenas o que se faz ou o que se idealiza, mas o que é que se perspectiva? A Escola de Frankfurt perspectiva-se a partir de sua teoria crítica. A partir de quê se pode especificar a integridade comunicacional de algo que é dito como tal?

De certo modo, a resposta que se tem dado a isto são as formulações teóricas autônomas no Brasil. Podemos citar a proposição triádica da comunicação como “vínculo, veículo e cognição” formulada por Sodré (UFRJ) em sua antropológica do espelho (à qual nos afinamos melhor); a crítica da incomunicação ou da raridade da comunicação na sociedade contemporânea na nova teoria da comunicação, de Ciro Marcondes Filho (USP); e a base de entendimento da comunicação entre códigos e inferências estabelecida por Braga (UNISINOS), além de abordagens metodológicas que produzem o mesmo efeito, como a noção de dispositivos, trabalhada pelos autores desta última universidade, as pesquisas de recepção baseadas em autoras como Maria Immacolata Vassallo de Lopes (USP) e Nilda Jacks (URFGS) e as análises cibernéticas de Rachel Recuero (UCPel), Alex Primo (URFGS) e André Lemos (UFBA), além de outras perspectivas empreendidas nos diversos programas de pós-graduação em comunicação no país.

No que cabe a este texto, os questionamentos são produtos de especulação e abertura para debate e leituras futuras. Mas o caso que se tenta demonstrar é o percurso de uma pesquisa de mestrado e nosso objetivo foi responder se uma realidade simbólica promove ajustes entre campo e objeto comunicacional. Notamos que o objeto é abstraído teoricamente e, em nosso caso, a “realidade simbólica” está na origem e no desfecho da pesquisa em comunicação. Qualquer indução como a que pretendi depende de um método próprio para adquirir valor de verdade e de consenso. Na falta de um método assim, buscamos demonstrar a reflexividade entre campo de conhecimento vislumbrado e objeto comunicacional que delimitamos aos poucos.

A despeito disso, só cabe a regra que contrariou Platão: apresentar, na pesquisa de mestrado e nesta reflexão sobre epistemologia da comunicação, uma escrita com ponto final, que revele um discurso. Um discurso sobre a reflexividade entre campo e objeto.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. Introdução, organização e seleção Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BRAGA, J. L. Os estudos de interface como espaço de construção do campo da Comunicação. In: **Contracampo (UFF)**. Rio de Janeiro, v. 10/11, n. 2004/2, p. 219-235, 2004.
- DAMASIO, João; SIGNATES, Luiz. Pode haver uma cidade espírita? A representação da cultura religiosa em Palmelo. In: CIRINO, José A.; BRAGA, Claudomilson F.. (Orgs.). **Comunicação, Cidadania e Cultura**. 1.ed. Goiânia: UFG, 2015, v.1, p. 184-198.
- _____. Estudo comunicacional da cidade espírita: a religião entre a identidade e a cidade. In: **Comunicação & Informação (UFG)**, v.18, p. 145-162, 2015.
- FRANÇA, V. V. O objeto da comunicação / A comunicação como objeto. IN: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Trad. Sérgio Martins. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- PLATÃO. **Fedro ou da beleza**. Trad. Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães, 2000.
- SANTOS, G. F. C. Há um lugar para o discurso da comunicação no campo da ciência? In: BRAGA, J. L. *et al.* **Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2013.
- SIGNATES, L. **Avanços habermasianos à epistemologia da comunicação, na perspectiva do desenvolvimento das teorias sociais**. Grupo de trabalho “Epistemologia da Comunicação”, do XIII Encontro da Compós, na UFP, Recife, 2004.
- _____. O que é especificamente comunicacional nos estudos brasileiros de comunicação da atualidade? In: BRAGA, J. L. *et al.* **Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2013.
- SODRÉ, M.. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- WEBER, M. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. 4.ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2000.
- YAMAMOTO, E. Y. **A questão da comunidade na era da midiatização: crítica e ontologia (tese de doutorado)**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2014.